



APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ: Quais Juventudes Querem Os Currículos? Quais Currículos Querem A Juventudes?

Autor: Danilo Araujo de Oliveira [*]; Luiza C. Silva Silva [**]; Shirlei Sales [***]

*Onde queres revólver, sou coqueiro
E onde queres dinheiro, sou paixão
Onde queres descanso, sou desejo
E onde sou só desejo, queres não
E onde não queres nada, nada falta
E onde voas bem alto, eu sou o chão
E onde pisas o chão, minha alma salta
E ganha liberdade na amplidão*

A letra da música mobilizada para *abrir os caminhos* dessa apresentação – para usar a etimologia da palavra currículo, desde uma referência afro-brasileira -, talvez nos ajude a traduzir o desassossego, inquietação, ebulição, suplício, desencontro, que pode significar a própria natureza da constituição e funcionamento de um currículo, sempre marcado por relações de poder. Por mais que um currículo demande algo a precisão e/ou mesmo a previsão de seus efeitos é quase da ordem imensurável. Nesse sentido, assim como diz a música, podemos até mapear os seus quereres, mas está em jogo, nos resultados, os quereres dos indivíduos envolvidos, a contextualização histórica e social e toda uma profusão de diferentes elementos que podem constituir as relações de poder em um funcionamento curricular. As perguntas justapostas no título desse dossiê de algum modo pretendem enunciar isso ao interrogar dos quereres de um currículo endereçado às juventudes, mas também mobilizar como as juventudes interpelam os currículos reclamando seus quereres. O que pode acontecer nesses (des)encontros? Que outros quereres podem surgir? O que seria a bruta-flor do querer nos jogos aqui postos? Foram perguntas que fomos nos fazendo ainda na proposição deste dossiê e que são problematizadas de muitos modos nos artigos que compõem essa coletânea.



Essas indagações levantadas são inspiradas na saudosa autora do campo curricular, *Sandra Corazza*. Ela utiliza termos freudo-lacanianos, compondo com perspectiva pós-crítica para afirmar que o currículo é regido pelo funcionamento da linguagem, por isso pode ser visto como uma espécie de ser falante. Se currículo é um ser que fala, logo quer. Outra questão importante no pensamento da autora é que nessa condição languageira do currículo podemos identificar apenas uma das tantas maneiras de formular o mundo. Afinal, há em seus modos de funcionamento inúmeras disputas constituídas por relações de poder.

Os querereres de um currículo não são tomados como dados, instituídos de uma vez por todas. Seus efeitos não estão garantidos. Os indivíduos que recebem seus endereçamentos podem responder de muitas formas. Por isso a autora chega a afirmar que diante das imposições curriculares: “[...] nós retrucaremos” (Corazza, 2001, p. 10). Assim, problematizamos o que as juventudes perguntam sobre os currículos a elas endereçados: O que estão dizendo? O que querem dizer, com isto que estão dizendo? O que vocês querem? Nos interessou, portanto, saber dos jogos de poder nessa agonística que faz parte da constituição dos currículos e das juventudes nos tempos presentes em diferentes contextos e problemáticas. Para, assim, ampliarmos as nossas compreensões sobre como que, por meio do funcionamento curricular, juventudes estão sendo produzidas, mas também como que, por meio das juventudes, currículos estão sendo fabricados.

Nesses parágrafos iniciais falamos de uma compreensão de currículo que nos une como pesquisador e pesquisadoras do campo curricular. Foi essa compreensão que inclusive nos inspirou para propor esse dossiê. Mas essa não é um único modo de compreender currículo. Currículo é uma palavra cheia de potências, mas também de algumas restrições.

Nas relações sociais mais corriqueiras quando mencionamos a palavra currículo, imediatamente nos lembramos do famoso *currículo vitae*. Esse talvez seja o sentido mais comum do termo. Em linhas gerais, poderíamos dizer que ele registra nossa trajetória profissional.

Ainda com a ideia de percurso, podemos nos remeter ao sentido etimológico do termo que, segundo historiadoras/os do campo curricular, se refere à “pista de corrida” (Silva, 1999,



p. 15). A etimologia é bastante interessante, afinal podemos imaginar que o currículo, além de trajeto a ser percorrido, pode remeter de algum modo à competição.

Nas escolas e na educação em termos amplos, quando mencionamos currículo, o sentido mais imediato acionado é o de *lista de conteúdos*. Certamente currículo também é isso. Mas nas teorias curriculares esse sentido é alargado, ampliado, estendido, até mesmo para além dos esquemas escolares, com suas disciplinas e formas de organização.

Em uma abordagem mais tradicional podemos compreender currículo como *definição de objetivos e a seleção, organização e avaliação dos conteúdos escolares*. Para além da dimensão estrita dos conteúdos escolares, currículo também pode ser entendido como *conjunto de todas as experiências de conhecimento proporcionadas às/aos estudantes*. Em uma perspectiva mais crítica, podemos defini-lo como um *território contestado, uma seleção interessada, uma construção social*. Já em uma vertente teórica pós-crítica, currículo pode ser entendido como um *artefato cultural que traduz valores, pensamentos e perspectivas*. Ou ainda como *discurso que produz identidades e subjetividades*. Uma das definições mais encantadoras e produtivas do termo é a que entende currículo como *a arte da composição e do encontro*.

Além dessas definições, é preciso pensar nas diferentes dimensões curriculares. Algumas delas podem ser, por exemplo, o *currículo oficial* (prescrições normativas), *currículo formal* (planejamento prévio) ou ao *currículo em ação* (acontecimento da aula). Essas dimensões se referem mais especificamente aos currículos escolares. Mas a teoria curricular tem expandido sua perspectiva analítica para outros âmbitos que também educam e, portanto, podem ser estudados com base nos conceitos do campo. Essa expansão se debruça sobre os denominados currículos culturais. Aqui vale ressaltar que **TODO** currículo é cultural, afinal produz significados e é por eles produzido. Então o currículo escolar é também cultural. Mas a categoria currículo cultural tem sido utilizada para tratar de pedagogias outras como por exemplo a literatura, o cinema, as músicas, as propagandas, as novelas, a internet, as redes sociais digitais, para citar alguns, sendo pois nomeados de *currículo cultural não-escolar* (MAKNAMARA, 2020). Com esse conceito, tenta-se compreender o que essas instâncias



ensinam, quais os saberes divulgam, que valores autoriza, que tipos de sujeitos deseja formar e quais as relações de poder em jogo.

Diante dessa multiplicidade de sentidos, percebemos que o campo curricular potencializa as análises possíveis, nos oferecendo diferentes ferramentas para compreender aquilo que nomeamos de realidade. Justamente a chamada realidade tem nos desafiado sobremaneira. Especialmente se considerarmos os dilemas enfrentados com os desastrosos índices estatísticos os quais denunciam as persistentes desigualdades educacionais. Segundo a PNAD, em 2023 havia 9,3 milhões de pessoas com 15 anos ou mais que eram analfabetas no Brasil¹ Tanto as políticas educacionais têm sido confrontadas por gigantesca problemática, quanto a pesquisa científica tem sido convocada a compreender as atrocidades em curso, bem como a encontrar possibilidades de superá-las. No cenário educacional mais geral, destacamos o Ensino Médio, última etapa da Educação Básica, majoritariamente ocupado por jovens e que vem enfrentado grandes desafios.

No exato momento em que escrevemos esta apresentação encontram-se em disputa no legislativo federal as normativas que regulam o Ensino Médio no país. Depois da famigerada Lei 13.415 que, após o golpe de 2016, alterou a LDB (Lei 9.394/1996) de modo a usurpar da juventude brasileira as chances de acesso ao conhecimento curricular. Diante dessa atrocidade em curso, inúmeras são as iniciativas que intentam reverter as perversidades impostas, desde as ocupações das escolas e universidades quando o embrião da lei foi decretado por meio da Medida Provisória 746 ainda em 2016, até a realização de incansáveis pesquisas, eventos de discussão pública e a ampla publicação de resultados dos trabalhos de análise, muitos deles organizados em formato de dossiês. Ainda que tenha sido aprovada a revogação da reforma na reunião da CONAE de 2024, o legislativo federal ainda parece se aliar aos interesses privatistas e das fundações empresariais que lutam arduamente para manter os dispositivos da lei inalterados.

¹ PNAD Contínua - Educação 2023. Disponível em: <https://loja.ibge.gov.br/pnad-continua-educac-o-2023.html> Acesso em 22 abril, 2024.



No dossiê aqui apresentado, o currículo dialoga com a categoria juventudes. Segundo Carla Corrochano (2008), a juventude é compreendida na sociedade moderna como uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais para atribuir significado a uma série de comportamentos e atitudes. Juarez Dayrell (2003) conceitua juventude como uma construção cultural, histórica e social, interligada ao contexto sócio-histórico de emergência da sociedade contemporânea. Segundo o autor existem diferentes modos de ser jovem.

Nos trabalhos que compõem o dossiê identificamos uma multiplicidade nos modos de ser e existir das juventudes. Por isso, acionamos a pluralidade da categoria, destacando a diversidade de produções curriculares e de subjetividades do ser jovem na sociedade contemporânea. Segundo o Atlas da Juventude 2021 (Barão, 2021), no Brasil existem quase 50 milhões de pessoas de pessoas em idade de 15 a 29 anos, ou seja $\frac{1}{4}$ da população brasileira. Segundo o documento, há uma predominância de jovens negros(as) no Brasil, contabilizando 51% de pardos e 10% de pretos.

Desse modo, a relação entre juventudes e as produções curriculares evidenciam uma pluralidade nos modos de existir em um contexto de desigualdade social, política, cultural e educacional. Por exemplo, no Brasil, de acordo com o Atlas da Juventude (Barão, 2021), são 6,6 milhões de jovens com deficiência e o dossiê abarca o contingenciamento dos modos de vivenciar as juventudes. Os artigos do dossiê mobilizam as categorias currículo e juventudes nas relações de gênero, sexualidades, jovens com deficiência, estudantes surfistas, subjetividades anticapitalistas, juventude transvestigênera, juventude e ensino médio, juventude periférica e muitas outras.

Diante disso, ao organizarmos a proposta da presente publicação, interrogamos: Quais juventudes querem os currículos? Quais currículos querem as juventudes? Inspiradas/os na mobilizadora pergunta “o que quer um currículo?”, nos aproximamos dos estudos sobre/para/com as juventudes para questionar as relações de poder nos currículos que demandam certos tipos de subjetividades juvenis. Consideramos, ainda, que as juventudes participam da luta na produção de conhecimento, verdade e da construção da própria da subjetividade. O dossiê **Quais juventudes querem os currículos? Quais currículos querem as**
Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-15, e-rte331202412, 2024.



juventudes? teve como proposta reunir artigos que tenham como centralidade as produtividades curriculares em diálogo com as juventudes em suas múltiplas possibilidades. Sejam diálogos com as sexualidades, relações étnico-raciais, religiosidade, espaço escolar, redes sociais, gênero, classe social, participação política, dentre muitas outras. O objetivo foi reunir trabalhos que investiguem o currículo e as juventudes promovendo uma junção de trabalhos que dialogam e investigam as intersecções desses dois pilares conceituais do dossiê. Encorajamos as submissões de trabalhos que investigam as juventudes em sua pluralidade cultural e social. Diante do cenário político que estamos vivendo, das lutas travadas em torno do denominado Novo Ensino Médio, que incide diretamente na constituição de um tipo específico de subjetividade juvenil vinculada à perspectiva neoliberal, nos interessou que esse debate também fosse pautado na composição do dossiê. Tanto que essa temática foi a que recebemos mais textos durante a submissão e que tem maior porcentagem de artigos aceitos para publicação. Isso demonstra a urgência e necessidade de discussão do tema.

Atendendo às provocativas perguntas deste dossiê, diferentes pesquisadores/as submeteram seus textos. Foram no total 34 textos recebidos, desses 23 estão aqui publicados. A procura pela chamada do dossiê anuncia como essas perguntas são mobilizadoras e questões-problema do nosso tempo. 25 instituições, entre universidades e instituições são aqui representadas por pesquisadores/as que se sentiram atravessados/as/es, de algum modo, pela proposta. Isso complexifica, enriquece, expande e mostra que quando falamos de juventudes precisamos mesmo mobilizá-la no plural. São muitos marcadores, questões e contextos de Norte a Sul do país que dizem dos muitos modos de se constituir jovem. E nesse dossiê temos representação de todas as regiões do país.

Gostaríamos de ressaltar aqui que a quantidade de textos recebidos demandou também a mobilização de muitos professores/as doutores/as para fazer a avaliação dos artigos. A avaliação duplo-cego é um método adotado pelos periódicos brasileiros, nela precisam-se de dois avaliadores que não sabem quem são os/as autores/as dos textos que eles/as avaliam. Esse trabalho não tem sido reconhecido e valorizado dentro das Universidades. Muitas vezes sobrecarregados/as de outras tarefas, os/as professores/as doutores/as se vêm impossibilitados/os de atender à chamada para que avaliem os textos. Para que a ciência se

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-15, e-rte331202412, 2024.



desenvolva, precisamos do escrutínio dos pares para nos ajudar a complexificar as análises, pluralizar as perspectivas e ampliar os olhares. Sem a dedicação, o afeto e cuidado dos/as diversos avaliadores/as esse dossiê não seria possível, por isso, nosso agradecimento especial a todos/as eles/as. Estendemos os agradecimentos ao editor Dr. Marlécio Maknamara e à editora Dra. Fabiana Sena da Revista Temas em Educação que acreditaram na nossa proposta, acolhendo-a sem ressalvas.

Dividimos o dossiê em cinco eixos principais, considerando um certo agrupamento interessado das temáticas discutidas. Assim teremos os eixos (1) *Currículos, Juventudes, gêneros e sexualidades*; (2) *Currículos, Juventudes e Ensino Médio*; (3) *Currículos e Culturas juvenis*; (4) *Currículos, Juventudes e Sociedade*; (5) *Currículo e juventudes que fabulam para adiar o fim do mundo*.

Apresentamos agora o primeiro eixo **Currículos, juventudes, gêneros e sexualidades**. No texto que abre esse dossiê, **Trans*referenciando o currículo: cartografias desejantes de jovens transvestigêneres**, as autoras *Letícia Carolina Nascimento e Shara Jane Holanda Costa Adad* mobilizam um importante questionamento: o que pode dizer o currículo frente à presença de jovens transvestigêneres na escola e na universidade? Na construção das problematizações, propõem um currículo trans*referenciado como possibilidade de pensar a educação por meio de afetos e encontros, nos quais imagens de pessoas transvestigêneres possam ser humanizadas. Isso porque, afirmando as diferenças, um currículo trans*referenciado reconhece e valoriza os saberes e experiências de pessoas transvestigêneres na educação.

No segundo texto **Narrativas, currículos e afetos: reflexões sobre estudantes gays nas instituições de ensino**, os autores *Rodrigo Vital e Márcio Caetano* interrogaram a categoria dos 'currículos' no campo da sexualidade, destacando a relação das instituições de ensino com os afetos que podem ser e/ou são vividos e/ou produzidos por estudantes gays nos espaços educativos que são curricularizados.

O terceiro texto **É possível renascer das cinzas?: o núcleo de estudos implicado na construção de um currículo-fênix sobre corpo, gênero e sexualidade no Novo Ensino Médio**, os autores *Roniel Santos Figueiredo e Marcos Lopes de Souza* discutem como *Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-15, e-rte331202412, 2024.*



podemos encontrar brechas nos currículos escolares para discutir corpo, gênero e sexualidade mesmo em tempos de contramovimentos antigênero desejosos do silenciamento desses debates.

Do quarto ao décimo terceiro temos os textos que compõem o segundo eixo **Currículos Juventudes e Ensino Médio**. O quarto texto **Abominável reforma do ensino médio: entre a privatização do ensino público e a negação de futuros possíveis**, o autor *João Eudes Alexandre Sousa Júnior*, a partir de suas análises concluiu que o dito “Novo” Ensino Médio incorporou à escola, ainda mais, a lógica da educação-mercadoria, pavimentando as “trilhas” do empresariamento privatista da educação pública, processo que envolve desde a dessubjetivação do trabalho docente, até ataques diretos à produção do conhecimento científico, ensejando um modelo predominantemente reacionário, pois reconfigurador do dualismo escolar.

No quinto **texto Currículo, enunciados, juventudes: os discursos atuais têm novas propostas para o ensino médio brasileiro?**, os autores *Marcelo Correa Pires e Antônio Carlos do Nascimento Osório* problematizam as políticas elaboradas para as juventudes presentes na Educação brasileira, ao longo dos anos. Fizeram uma análise crítica dos enunciados constituintes dos discursos de um Ensino Médio em constante reforma, sob o pretexto de melhoria da qualidade.

No sexto texto **Perspectivas de concluintes do Ensino Médio sobre suas trajetórias após a Educação Básica**, os autores *Francisco Robson Carvalho de Oliveira, José Leonardo Rolim de Lima Severo* e a autora *Maria Tamires Vasconcelos Oliveira* buscaram identificar expectativas de estudantes de Ensino Médio e motivações que orientam suas trajetórias de formação. Os/as jovens indicaram receber estímulo e incentivo principalmente de familiares e da escola para prosseguimento dos estudos, mas consideraram importante a possibilidade de conciliar estudo e trabalho. Dentre suas impressões pessoais sobre o tema “escola/universidade”, prevalecem aspectos positivos sobre negativos, reforçando a afeição à ideia de estruturação de seus projetos de vida sobre os eixos da educação, apesar das condições desafiantes que se impõem às juventudes no atual contexto socioeconômico.



No sétimo texto **Estudo sobre a percepção de jovens: suas vivências escolares e práticas curriculares na inclusão escolar no Ensino Médio**, as autoras *Valena Rodrigues Miranda* e *Ana Paula Cunha dos Santos Fernandes* realizaram uma pesquisa de campo em uma escola pública da rede estadual do Pará, no município de Belém com o objetivo de analisar as práticas curriculares vivenciadas por jovens em contexto de inclusão escolar no Ensino Médio regular no ano de 2019.

No oitavo texto **Hegemonia discursiva na formação de nível médio para as juventudes brasileiras: Programa Ensino Médio Inovador/ projeto jovem de futuro**, a autora *Aline Rabelo Marques* apresenta discursos neoliberais desvelados no interior da produção curricular do Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI) (BRASIL, 2009, 2009a, 2009b, 2009c) para o ensino médio brasileiro, tendo como fio condutor as análises do conceito-chave: hegemonia. As análises apontam que dentro do terreno da sociedade civil, sobretudo no campo educacional, as forças dominantes, dotadas de capital, desenvolvem estratégias para educar para o consenso.

No nono texto, **Reflexões sobre a educação brasileira: a implementação do novo ensino médio e seus impactos na juventude amazonense**, o autor *Guilherme Araújo Soares* e as autoras *Maria Ione Feitosa* e *Luana Dias Trindade* apresentam reflexões sobre o cenário da educação no Brasil, relacionando os desafios enfrentados na implementação do Novo Ensino Médio (NEM), conforme estabelecido pela Lei n.º 13.415/2017. . O estudo buscou dialogar sobre o currículo, a Lei n.º 13.415/2017 e a percepção de impactos regressivos na juventude provocados pela referida lei. Tornou-se evidente a propagação de uma formação estruturalista, baseada na legitimação da reprodução de identidades fixas e desigualdades sociais que determinam o significado e a identidade visando à manutenção e estabilidade do modo de produção vigente.

No décimo texto, **Juventudes e Ocupações: um currículo possível**, as autoras *Marinazia Pinto* e *Alice Casimiro Lopes*, a partir da experiência em uma escola ocupada em 2016, discutem as ocupações estudantis, com o objetivo de empreender uma reflexão sobre currículo e juventude, colocando em fluxo sentidos mobilizados por esses significantes. Defendem que as ocupações deram visibilidade às negociações de sentidos que acontecem

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-15, e-rte331202412, 2024.



continuamente no dia a dia da escola. Trazem, nesse processo, elementos da Reforma do Ensino Médio para pensar no quanto suas orientações, instituídas nos anos que se seguiram às ocupações, antagonizam com as demandas propostas pela juventude no movimento de Ocupações.

No décimo segundo texto, **Protagonismos e escolhas na educação**, os autores *Alexandre Marini* e *Atilio Catosso Salles* ao analisar dados sobre a oferta de novos componentes curriculares em escolas mineiras durante a implementação do Novo Ensino Médio, perceberam que a flexibilidade e o protagonismo almejados nos documentos normativos e nas propagandas de nível público e privado dependem fundamentalmente da qualificação docente. Assim, enquanto o novo modelo de ensino requer maior interação entre professores/as e alunos/as, sobretudo na utilização de novas metodologias e estratégias pedagógicas, eles destacam a contradição presente em um discurso que não se sustenta na prática escolar, tendo em vista que o protagonismo dos/as estudantes se apresenta indissociavelmente ligado ao protagonismo do/a professor/a, sua formação e condição de trabalho.

No décimo segundo texto, **Ensino profissional e tecnológico na era do reformismo: contradições legais e horizontes potenciais**, os autores *Julio Cesar de Paula* e *José Fernandes da Silva* buscaram investigar e apresentar alguns dos aspectos determinantes para a volatilidade e a insegurança jurídica que se abatem sobre as políticas públicas e os currículos para o ensino médio, especialmente na modalidade Educação Profissional e Tecnológica e de que maneira essas transformações e incertezas afetam ou podem afetar as juventudes trabalhadoras em nosso país.

No décimo terceiro texto, **Os livros didáticos de sociologia e a formação de subjetividades juvenis anticapitalistas**, o autor *Valci Melo* analisa as contribuições e os limites dos livros didáticos de Sociologia para a compreensão do capitalismo e do socialismo como projetos societários. Conclui-se que os discursos materializados nos livros didáticos em análise contribuem para a formação de subjetividades juvenis anticapitalistas, sejam elas reformistas ou revolucionárias.



Do décimo quarto texto ao décimo sexto temos os textos que compõem o eixo **Currículos e Culturas Juvenis**. No décimo quarto texto, **Culturas juvenis e currículo de Educação Física: entre a denúncia das tensões e o anúncio das possibilidades**, os autores *Thales Rodrigo de Siqueira*, *William de Goes Ribeiro* e a autora *Bruna Gabriela Marques* buscam refletir acerca das tensões e possibilidades que envolvem as culturas juvenis e o componente curricular Educação Física, a partir da discussão intercultural. Concluíram que as culturas juvenis evocam uma disputa na dinâmica educacional. Tensionam os cânones curriculares tradicionais ao passo que possibilitam novas formas de ser e estar no mundo, potencializam subjetividades e expressam a indignação contra a opressão de seus corpos e saberes.

No décimo quinto texto, **Para ter funk (na escola) é preciso querer dançar: problemas e desafios para educação matemática**, o autor *Eric Machado Paulucci* e a autora *Carolina Tamayo Osorio* chegaram dançando ao ritmo do funk, para apresentarem algumas reflexões costuradas pelas margens das radiografias que a ciência tem feito das periferias e da *colonialidade do saber* operacionalizada para manter à margem dos currículos escolares, conhecimentos outros. A escrita se propõe a provocar uma faísca inicial na discussão acerca do processo de produção de conhecimento da (Educação) Matemática enquanto campo de pesquisa, recorrido na constituição de um currículo que dialoga com as demandas dos/as jovens das periferias urbanas.

No décimo sexto texto, **Currículo(s) da cidade: as perspectivas das Cidades Educadoras na mediação entre juventude(s) e conhecimento**, o autor *Tárcio Minto Fabrício* e a autora *Verônica Asbel Pires* apresentam um ensaio teórico que discute as possibilidades apresentadas pela perspectiva das Cidades Educadoras para a construção de convergências entre currículos e juventudes, no sentido de estimular uma formação localizada na reflexão e na crítica diante dos desafios impostos à Educação na contemporaneidade. Pauta-se na defesa intransigente dos direitos humanos e no estabelecimento de práticas educativas participativas, democráticas e cidadãs.

Do décimo sétimo texto ao décimo oitavo temos os textos que compõem o eixo **Currículos, Juventudes e Sociedade**. No décimo sétimo artigo, **Quais currículos querem** *Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-15, e-rte331202412, 2024.*



juvens trabalhadores? Um estudo acerca da permanência de estudantes em um curso de licenciatura em química, as autoras *Renata Aparecida Braz Garcia*, *Bruna Jamila de Castro* e *Cristiane Beatriz Dal Bosco Rezzadori* buscaram analisar a trajetória formativa de licenciandas-trabalhadoras no âmbito de curso de licenciatura em Química, quanto aos fatores que influenciam na permanência no curso e, conseqüentemente, na construção de sua identidade docente, em especial o papel do currículo neste contexto. Para tanto, esta investigação fez uso da pesquisa narrativa com enfoque em histórias de vida.

No décimo oitavo texto, **A importância de pensar currículo em ambientes em privação de liberdade**, a autora *Ana Clara Peixoto* e o autor *Rick J. Santos* pretenderam entender como a temática do currículo se apresenta em ambientes educacionais em privação de liberdade. Para o autor e a autora é imprescindível que as diversas áreas do conhecimento pensem em Currículo, entendendo que, por mais que seja um campo específico, não é possível desvincular essa temática em práticas e pensares educacionais cotidianos, mesmo que esses sejam realizados em perspectivas e ambientes diversos.

Por fim, apresentamos o eixo **Currículos e juventudes que fabulam para adiar o fim do mundo**. Nosso querer aqui ao fazer esse agrupamento final foi reafirmar que o campo currículo é um campo cheio de possibilidades de expansão, criação e resistência. No décimo nono texto **Corações... na escola: amor em cotidianos estudantis** o autor *Tiago Amaral Sales*, realizou registros fotográficos e escritos durante cerca de um ano de pesquisa-docência. Ele defende que nos espaços escolares, além dos conhecimentos curriculares maiores, também aprende-se a conviver e relacionar-se com o outro artesanalmente, e é justamente nestes processos de produção subjetiva e criação de currículos outros que este texto foca. Os corações grafados nas mesas, muros, janelas e portas escolares, nas cartas de amor, nos cartazes e nos cadernos são os protagonistas para a criação de escritas-encontros em cartografias, inspiradas nas possibilidades de autoficcionalizar e poetizar os encontros e os trajetos vividos

No vigésimo texto, **Pode a literatura borrar os limites do corpo numa sala de aula?**, os autores *Steferson Zanoni Roseiro*, *Nahun Thiaghor Lippaus Pires Gonçalves* e *Victor Nogueira Lage* se propõem a borrar os limites do corpo no encontro com a literatura e **Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-15, e-rte331202412, 2024.**



as juventudes. Para eles, a aposta na literatura com as juventudes em um exercício de praticar os currículos como expansão do mundo implica em possibilitar redes de conversações, em expandir as percepções sobre os corpos. Assim, defendem que numa roda de conversas literárias há algo na esfera do acontecimento, do incontrolável, com pouco ou nenhum delineamento, que serve de estopim para desencontros das leituras tradicionais da academia.

No vigésimo primeiro texto, **O aluno surfista na modernidade líquida: desafios e possibilidades do currículo**, os autores *Edvander Ramalho dos Santos* e *Gilmar de Carvalho Cruz* exploram a transição para a modernidade líquida e seu impacto nas novas gerações, particularmente nos “alunos surfistas”, que, embora naveguem pelas ondas do conhecimento, não estabelecem conexões duradouras com ele. O objetivo é analisar as características e desafios enfrentados por esses/as estudantes no contexto da modernidade líquida. A conclusão ressalta a necessidade de um currículo aberto que equilibre o conhecimento acumulado pela humanidade com o contexto dos/as alunos/as.

No vigésimo segundo texto, **Currículos, juventudes e fabulações**, as autoras *Sandra Kretli* e *Aline Dias de Oliveira Cochetto* apresentam uma pesquisa que buscou cartografar as fabulações das juventudes e docências a fim de mapear os currículos vetores de forças ativas criados pelas juventudes e docências, como também potencializar os encontros alegres nos/dos cotidianos escolares. Problematizam as fabulações como força curricular que resiste ao ensino cartesiano e codificado. Argumentam que a potência de ação coletiva produz currículos vetores de forças e encontros alegres que escapam das formas que aprisionam o pensamento, possibilitando outros modos de ser e de estar no mundo.

Por fim, no último texto **(Re)imaginando as juventudes: disputas curriculares para adiar o fim do mundo**, os autores *Allan Carvalho Rodrigues* e *Luis Paulo Borges* defendem que adiar o fim do mundo tem sido um desafio político e ético diante de um mundo em crise com guerras, mudanças climáticas, crises sanitárias etc. Dessa forma, indagam: como podemos (re)imaginar os sentidos de futuro *para/com* as juventudes? Como disputar sentidos curriculares para adiar o fim do mundo? Qual o futuro da escola? Por meio dessas perguntas objetivaram problematizar as relações de saber e poder vivenciadas nas disputas curriculares diante das subjetividades presentes *nas/com* as juventudes nos currículos. Metodologicamente

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-15, e-rte331202412, 2024.



trabalharam com as narrativas juvenis, pautadas em inventários do saber, para tecer reflexões sobre a condição juvenil no mundo atual. As teorizações estão pautadas no campo curricular em diálogo com os cotidianos e a interseccionalidade. À guisa de conclusão, compreende-se o cotidiano e as análises via interseccionalidade como encruzilhadas possíveis que nos possibilitam gerar novos sentidos de curriculares com as juventudes.

Os textos desse dossiê falam de muitos desafios e problemas na relação currículos-juventudes, juventudes-currículos, mas anunciam sinais para conexões outras que fazem a vida ser reafirmada em sua máxima expansão nos currículos. Como *bruta-flor do querer* vamos recusando as posições-de-sujeito demandadas que fixam, engessam e endurecem nossa vontade de potência. Onde querem descanso somos desejo. Desejo de ampliar as possibilidades de vidas vivíveis nos currículos, de professores/as criadores/as, de jovens sonhadores/as, de modos de vida que recusam, recrutam os ditames neoliberais para inventar modos de vida marcados por uma certa estética da existência. Esperamos, assim, que as discussões aqui propostas tenham um amplo alcance e sejam mobilizadoras de outros debates.

REFERÊNCIAS

- BARÃO, M. et al. *Vozes das Juventudes*. Atlas das Juventudes, 2021.
- CORAZZA, Sandra. *O que quer um currículo?* Pesquisas pós-críticas em Educação. Ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2001.
- CORROCHANO, Maria Carla; et al. *Jovens e trabalho no Brasil: desigualdades e desafios para as políticas públicas*. São Paulo: Ação Educativa, Instituto ibi, 2008.
- DAYRELL, Juarez. O Jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, 24, 40-52. 2003.
- MAKNAMARA, Marlécio. Quando artefatos culturais fazem-se currículo e produzem sujeitos. *Reflexão e Ação*, 28(2), 58-72, 2020. <https://doi.org/10.17058/rea.v28i2.14189>
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias de currículo*. Belo Horizonte: Autêntica. 1999.

SOBRE A AUTORIA:

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-15, e-rte331202412, 2024.



[*] Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) - Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) – ORCID <http://orcid.org/0000-0003-3222-3172> – oliveira.danilo@ufma.br

[**] Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) - Professora Adjunta (CEDU/UFAL) – ORCID <https://orcid.org/0000-0002-2486-3375> - luizacsilvaa@gmail.com

[***] Pós doutora pela University of Illinois at Urbana-Champaign, USA. Doutora em Educação pela UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada do Departamento de Administração Escolar. Professora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFMG. – ORCID <https://orcid.org/0000-0003-4446-9508> - shirlei.sales@gmail.com

Submetido em: 22 de abril de 2024.

Aprovado em: Maio de 2024.

Publicado em: Maio de 2024.